

O mar de Nana sob o olhar de um estrangeiro

O diretor franco-suíço Georges Gachot prepara documentário sobre a cantora, com lançamento previsto para 2010

Fotos de Leonardo Aversa

Leonardo Lichote

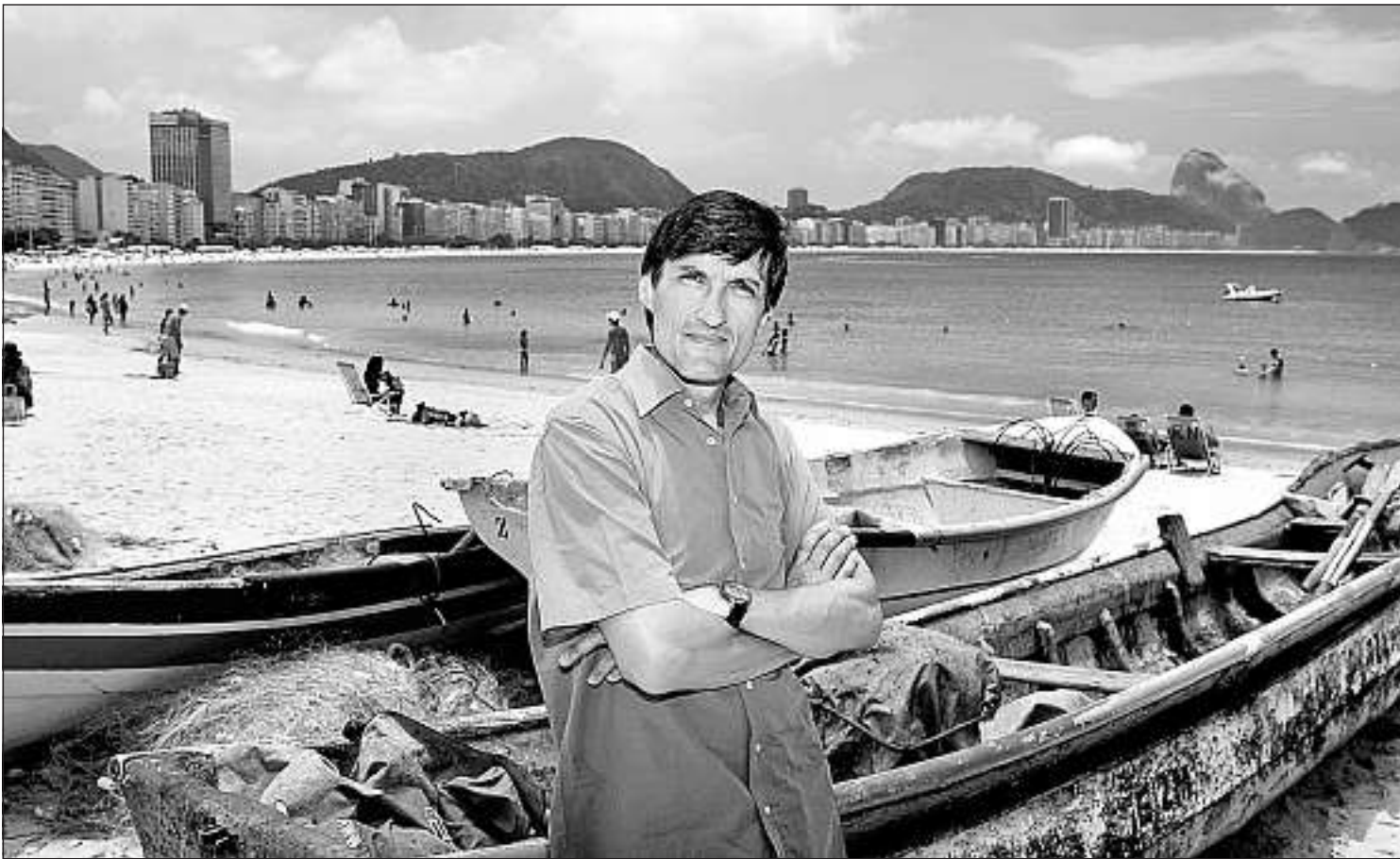
O diretor franco-suíço Georges Gachot escolheu a colônia de pescadores do Posto Seis, em Copacabana, como cenário para as fotos que ilustram esta reportagem. O assunto: o documentário "Nana Caymmi — Melodies between worlds" (título provisório), que ele prepara sobre a cantora brasileira. Não por coincidência, ele explica, imagens do mar abrem "Maria Bethânia — Música é perfume", seu filme anterior, de 2005.

— Como dirigir um filme sobre música brasileira sem o mar? — pergunta Gachot ao falar dos motivos que o levaram a escolher fotografar na praia. — Sou de um cantinho do noroeste da França chamado Bretanha, onde aprendi a amar e respeitar o mar. Em 2004, Nana me disse que o mar é o elemento que dá força à música brasileira, então passei a observá-lo cuidadosamente. Ele é um ator maravilhoso, imprevisível, autêntico. O mar terá um lugar de destaque no filme. Escolhi fazer a foto no Posto Seis porque é um lugar maravilhoso, onde o tempo parece ter parado. Ali também temos uma vista interessante de Copacabana, que muda a cada minuto, dependendo da luz e do clima. Dorival costumava passar seu tempo lá, e Nana adora Copacabana.

Canto de Nana remete ao universo da música clássica

Além do mar, "Música é perfume" e "Melodies between worlds" estão ligados por suas histórias. Foi no início da filmagem do documentário sobre Bethânia que Gachot conheceu Nana — e decidiu fazer um filme sobre ela:

— Tive alguns choques musicais na minha vida, e a atuação de Nana cantando "João Valentão" no show "Brasileirinho", de Bethânia, pertence a esses pouquíssimos momentos inesquecíveis. Não fazia ideia de quem era Nana e sabia muito pouco sobre a família



GACHOT E NANA:

o documentário nasceu quando o diretor viu a cantora pela primeira vez, cantando no show "Brasileirinho", de Bethânia. "Desde então, sonho com esse filme", conta ele

lia Caymmi — lembra o diretor. — Meus filmes são repletos de expressões musicais excepcionais e de personalidades fortes. Portanto, desde essa participação de Nana em "Brasileirinho", em março de 2004, no Canecão, sonho com esse filme.

Gachot não sabia quem era Nana, mas procurou saber pouco depois de vê-la no palco. Chegou, então, a seu disco "Renascer", de 1976. Ficou impressionado com duas canções em especial:

— Ouvi suas gravações de "Boca a boca" e "Sacramento",

de Milton Nascimento, do "Renascer". Que sentimento, aquela voz, capaz de cantar melodias cromáticas de uma maneira expressiva, como uma cantora de ópera. Não podia evitar fazer um paralelo com o canto clássico, como por exemplo o último ato da ópera "Don Giovanni", quando Mozart usou da mesma maneira a técnica cromática.

As referências à ópera e a Mozart não são gratuitas. A formação de Gachot é de música clássica — desde 1990, ele dirige documentários sobre intérpretes e compositores do gênero, como "Martha Argerich — Conversas noturnas", sobre a pianista argentina. Para o diretor, Nana conversa com essa tradição musical europeia.

— Ouvir a primeira gravação de Nana, de 1965, que é como estar numa apresentação de música de câmara, foi uma confirmação das minhas ideias — explica o diretor.

Gachot aprofunda o paralelo ao relacionar os filmes de

Nana, Bethânia e Martha:

— Bethânia aceitou que eu fizesse um filme sobre ela após assistir ao meu documentário sobre Martha Argerich. Enquanto dirigia o filme de Bethânia, encontrei Nana, que, de alguma forma, através de sua bagagem histórica, me levou de volta à música clássica. Não devemos esquecer que Dori, seu irmão, teve o mesmo professor de piano que Nelson Freire, hoje parceiro de Martha Argerich! Este filme, portanto, me fez redescobrir a antiga música europeia num cenário que irá surpreender o próprio público europeu — diz, antes de aproximar Brasil e Alemanha via dois clãs musicais. — Eu realmente penso que a família Caymmi pode ser comparada à família de Bach! Dorival não teria composto "Acalanto" para Nana da mesma maneira que Bach compôs "Notenbüchlein" para Anna Magdalena Bach (*mulher do compositor*)?

Gachot planeja finalizar "Melodies between worlds"

até o início de 2010 e lançá-lo pouco depois em um festival europeu ("Como Berlim", cogita). Até agora, ele tem sete semanas de imagens gravadas, em três períodos, desde 2007. O diretor calcula que o material reúne 90% dos elementos necessários para falar da vida e da música da cantora:

— Nós mostraremos Nana em estúdio, em janeiro de 2009, gravando seu novo álbum de canções inéditas, assim como ela no passado, com material de arquivo que nunca foi exibido — adianta. — Ainda falta gravar uma apresentação de Nana. Voltaremos ao Brasil para registrar alguns shows ainda este ano.

Filme combina câmera de alta definição e Super-8

A ideia de Gachot é falar de Nana tendo sua música como eixo central — "o ator principal", em suas palavras. Mais do que retratar a voz da cantora, porém, o diretor quer traduzi-la em imagens. A captação das imagens está sendo feita com uma câmera de alta definição e uma Super-8, gerando texturas diferentes, que vão conversar na edição. O plano é que o filme seja como uma pintura ("talvez influenciada pela expressão pictórica de Edgard Degas").

Quando filmou Bethânia, Gachot era praticamente virgem de música popular brasileira. E esse olhar aparece no filme — que estreou no Brasil no Festival do Rio de 2005 e depois foi lançado em circuito comercial. Agora, apesar de já ter sido introduzido ao mundo de Chico, Caetano, Caymmi etc., ele procura manter a postura de neófito.

— Acredito que mantive o frescor do meu olhar europeu, que me deu a possibilidade de ser surpreendido e não me acostumar às coisas. Como documentarista, o momento perfeito para descobrir uma pessoa, um músico, é junto com a minha câmera. Você não pode repetir a primeira impressão. E o filme tem que ter esse momento único. ■

Sexta-feira 13: Refilmagem de clássico do terror traz tudo o que os fãs do gênero gostam de ver

Mortes e seios, como nos bons tempos

Tom Leão



O assassino do facão (e não do machado, como está na legenda do cinema) está de volta. O espectro Jason Vorhees, que ficou mundialmente famoso, com a sua sinistra máscara de hóquei, por matar jovens inocentes numa série de filmes iniciada em 1980 (há quase 30 anos, portanto), que já conta com 12 títulos, o novo incluído —, ganhou uma espécie de revisão da saga bem ao gosto dos fãs: sem alterar os seus elementos mais básicos. Isso é bom.

O novo "Friday the 13th" (no original) tem a seu favor o fato de não mexer muito na mitologia do *serial killer*, como fizeram na refilmagem do clássico "O massacre da serra elétrica". Também, em comparação, é o mais bem-acabado produto da série, geralmente de filmes de baixíssimos orçamentos, à exceção da parte seis, "Jason vive", que foi caprichado; bem como a sua segunda sequência, em 3D, que são os melhores da série.

Fora isso, não há muito o que se esperar de um filme com Jason, a não ser uma alta contagem de cadáveres e um elenco de jovens atores inexpressivos e bonitos. Os fãs desse tipo de filme querem ver mortes cada vez mais caprichadas e absurdas (e risíveis) e mulheres bonitas mostrando os seios. O novo capítulo tem isso de sobre: são três os pares de seios à mostra e pelo menos uma dúzia de assassinatos no capricho, alguns deles citando mortes

"clássicas" de filmes passados.

O novo filme começa em 1980, época dos fatos originais, mostrando como Jason se transformou no que é: um menino que morreu afogado por negligência de monitores de um acampamento mais preocupados em transar, beber e fumar maconha, que foi vingado por sua mãe e, mais tarde, passou a vingar esta — que morreu decapitada, é claro — depois de crescido. Jason é a vítima e está apenas se vingando do que lhe fizeram. Mas isso não faz a menor diferença.

Quem se diverte acaba sendo trucidado por Jason

Logo a trama vem para os dias atuais, quando, mais uma vez, Jason desperta de seu marasmo na sossegada região de Crystal Lake para chacinar os jovens que lá vão acampar e fornicar. E aí está a base moralista que move este tipo de filme, e que foi desconstruída no primeiro da série "Pânico": as pessoas morrem por estar se divertindo, transando, bebendo e fumando erva, tudo o que foi negado ao jovem Jason, que morreu por causa da conjunção desses fatores e não pôde chegar à adolescência.

Moralismos à parte (isso está entranhado na cultura americana e em quase todo tipo de filme de Hollywood há décadas), é o tipo de filme para quem gosta do gênero e que andava meio sumido das telas, repletas de adaptações de filmes de terror psicológico orientais, com muito clima e poucas cenas radicais de fato. Puro escapismo inconsequente. O facão voltou e está cortando como nunca. *Slash!* ■



JASON VORHEES ataca: o menino morto em Crystal Lake vive e mata

'Se eu fosse...' Tom Cruise

• Há seis semanas na liderança dos filmes mais assistidos no país, "Se eu fosse você 2" foi destronado por Tom Cruise e seu "Operação Valquíria" nas bilheterias de sexta a domingo. Com 4.850.296 ingressos vendidos desde janeiro, a comédia de Daniel Filho foi vista por 135.369 espectadores nos dias 13, 14 e 15. No mesmo período, o *thriller* de guerra com Cruise, lançado com 224 cópias (69 a menos do que "Se eu fosse..."), atraiu 247.579 pagantes, tomando a dianteira do *ranking*.

— Essa queda não assusta. Estamos na sétima semana — diz Marcos Didonet, produtor de "Se eu fosse você 2". — É bom que haja filmes novos para levar gente ao cinema.

Fenômeno nos EUA, "Sexta-feira 13" estreou em quinto lugar no Brasil, com 93.259 pagantes. (Rodrigo Fonseca)

CBL elege diretoria em meio a troca de farpas

Campanha pela principal entidade do setor editorial foi marcada por denúncias e bate-boca

Miguel Conde

A Câmara Brasileira do Livro elege hoje sua nova diretoria, após uma campanha anormalmente conturbada. Acostumada a eleições em que sequer há candidatura de oposição, a entidade — que reúne todos os setores do mercado editorial — conviveu nas últimas semanas com bate-bocas por e-mail, uma falsa pesquisa telefônica e até denúncias de adulteração de notas fiscais. No centro da discussão, a atual presidente da CBL, Rosely Boschini (editora Gente), candidata à reeleição pela chapa Trabalho e Seriedade, e Armando Antongini Filho (editora Leitura), candidato a presidente pela chapa Mudança e Participação.

Comprovante de despesas de viagem adulterado

Diretor-executivo da CBL durante o primeiro ano do mandato de Rosely, Antongini divulgou na internet diversas notas fiscais apresentadas por ela como comprovantes de despesas durante viagem de trabalho à Feira de Frankfurt, em 2007, uma delas alterada a caneta de €12,50 para €172,50, como atesta o extenso laudo de um perito contratado pelo candidato.

— Nem precisava do laudo — reclama Rosely. — Aquilo é uma alteração visível a olho nu. Não sei quem fez, ainda estou investigando. Fui a primeira diretora da CBL a trocar a classe executiva pela econômica na viagem para Frankfurt. A ficar adulterando nota de despesa?

Antongini diz que se candidatou porque Rosely "é autoritária". Como trunfo de sua candidatura, cita a proximidade com o governo federal: Luiz Fernando Emediato, presidente do Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador (Cofat), é o candidato da sua chapa à vice-presidência da CBL. O Cofat administra as verbas do Fundo de Amparo ao Trabalhador, que destina dinheiro do PIS-Pasep às centrais sindicais para aprimoramento profissional de trabalhadores. No ano passado, reportagem da revista "Época" afirmou que Emediato tentou favorecer uma entidade ligada à Força Sindical, de Paulo Pereira, no repasse dos recursos. Num e-mail aberto, Sérgio Kobayashi, ex-diretor da Imprensa Oficial de São Paulo, sugeriu que Antongini seria apenas um testa-de-ferro de Emediato na disputa.

— Isso é uma bobagem — reage Antongini.

Na semana passada, um homem que se dizia pesquisador da CBL ligou para editoras perguntando quem votaria pela empresa nas eleições. A CBL emitiu uma nota oficial dizendo que não pedira qualquer pesquisa.

A CBL é uma entidade sem fins lucrativos que organiza a Bienal do Livro de São Paulo, o Prêmio Jabuti e a participação de editoras brasileiras em feiras internacionais, além de dialogar com o governo. Em 2008, a Bienal teve público abaixo do esperado, o que motivou críticas à organização, e os livros brasileiros chegaram com atraso à Feira de Frankfurt. ■